

## Custos da pecuária sobem 56,85%

A valorização do sal mineral resultou novamente em aumento do custo da produção pecuária, que acumula alta de 7,72% no custo operacional efetivo e 6,35% no custo operacional total nos dois primeiros meses do ano. Apesar dos preços da arroba estarem elevados, a receita do pecuarista de corte foi reajustada em apenas 23,42% nos últimos cinco anos, enquanto seu custo operacional total subiu 56,85% no período, acumulando severas perdas de rentabilidade. Desta forma, segundo dados dos Ativos da Pecuária de Corte, divulgados pelo Fórum Nacional Permanente da Pecuária de Corte, da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), os custos aumentaram mais do que o dobro do preço da arroba.

O sal mineral foi um dos principais responsáveis por este aumento nos custos da pecuária. Somente de janeiro para fevereiro os preços aumentaram 12,75%, na média ponderada dos dez estados produtores



**Bovinocultura foi afetada pela instabilidade na soja e no milho**

pesquisados pela CNA e Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Universidade de São Paulo. No acumulado do ano, a mineralização do rebanho aumentou 35,5% para os pecuaristas. O reajuste de 9,21% do salário mínimo, em março, acabou agravando ainda mais o quadro de custos altos da atividade.

No cenário internacional, a forte instabilidade nos preços da soja e do milho acabou atingindo a atividade pecuária

mundial, especialmente na Europa, Estados Unidos e Canadá. Os Ativos da Pecuária de Corte alertam que a oscilação nos preços dessas commodities deverá gerar maior volatilidade nos custos de produção, alterando as relações de oferta e demanda da carne nesses países. Na realidade, a produção pecuária na Europa e nos Estados Unidos tem um vínculo direto maior com o mercado de milho e de soja do que a brasileira e a argentina.

## Irga confirma aumento na produtividade

O Rio Grande do Sul já colheu mais de 7 milhões de toneladas de arroz, e ainda resta 5% da área para ser colhida. O dado confirma a previsão do Instituto Riograndense do Arroz (Irga) de safra recorde. A produção deve ficar em torno de 7,2 milhões de toneladas quando a colheita chegar a 100% da área, informou o presidente do Irga,

Mauricio Fischer. Isso representa aumento de 10% em relação às 6,5 milhões de toneladas do ano passado. A chuva pode ser um fator de prejuízo para a área que ainda não foi colhida e, por isso, há incerteza em relação aos 7,2 milhões de toneladas. Além disso, Fischer lembrou que o arroz do tarde, historicamente, tem produtividade menor do que as

demais variedades. Até o momento, a produtividade média do Estado é de 6,95 mil quilos por hectare.

Em abril, houve uma alta de 36% do preço do arroz. O índice Esalq, que mede o preço médio do arroz do Rio Grande do Sul, passou de R\$ 23,58 a saca de 50 quilos, no dia 1º de abril, para R\$ 32,06, no dia 23.



## Tropeando

Fernando Adauto

Novamente alguns setores da indústria frigorífica pressionam para tributar as exportações de gado em pé. Alguns comentaristas se fazem necessários nessa tropeada internacional.

Nenhuma exportação, de país algum do mundo, deve ser tributada. É uma questão de racionalidade, ética internacional e competitividade. Não é justo que alguém que não vive no país exportador pague por tributos sem usufruir dos benefícios gerados por eles. Tanto isto é verdade que, quando um estrangeiro compra em um país do primeiro mundo, pode, na saída, buscar na alfândega a devolução das taxas embutidas no preço do produto. O imposto no destino (que não praticamos no Brasil) facilita a operação, considerada normal e corriqueira. Tributar matéria-prima é transferir renda do setor primário para o secundário, é estabelecer reserva de mercado, ferindo frontalmente os princípios de livre mercado. A tributação de qualquer produto exportado pode criar precedentes graves, inviabilizando setores, criando retaliações e enclausurando a economia do país.

Todos os principais países exportadores de carne também exportam gado em pé. É assim aqui na América do Sul, com Uruguai e Argentina, nos Estados Unidos, na Austrália e na Nova Zelândia, na União Européia e em outros. Para nenhum deles tem expressão este tipo de exportação e não temos notícia que a prática tenha causado algum problema ao setor nas respectivas economias. A única exceção é o Canadá, que tem sua produção fortemente comprometida com o vizinho Estados Unidos. O significativo e explicável volume influi decisivamente no setor, adequando o mercado a essa realidade. Um dos principais exportadores de gado em pé no Brasil é o Frigorífico Minerva, que naturalmente também exporta carne. Para o Rio Grande do Sul esse tipo de exportação tem importância como referencial de preços, sanitário e genético, além de dar visibilidade internacional a nossa produção, com ganhos importantes a todo o setor.

A alegação de que falta gado por causa das exportações não se justifica. Estamos nos encaminhando para o quarto ano das referidas exportações e não atingimos 200 mil cabeças. Considerando que boa parte deste volume foi limpeza de campo, o volume é inexpressivo. É muito menos do que vendíamos no passado para Santa Catarina e alguns outros estados do Centro-Oeste. Pela estrutura do setor gaúcho e pela expressão do mercado local, jamais os volumes exportados serão significativos. A condição sanitária que nos permite exportar gado em pé é a mesma que viabiliza a venda de carne para outros estados e exportação para os mais diversos países do mundo. Agregar valor à carne bovina gaúcha com conquista de mercados mais exigentes e que remuneram melhor é o único caminho para inibir as exportações de gado em pé.

Há dois anos, defendemos, com a federação do Pará e a CNA, em Brasília, a não-tributação da comercialização. A discussão foi levada ao Fórum Nacional Permanente de Pecuária de Corte da CNA, que deverá, com outros interessados, participar de audiência pública no Congresso Nacional, defendendo a não-tributação da exportação. Somos contrários à tributação de qualquer exportação de produto agropecuário. A produção brasileira não é subsidiada, paga tributos na maioria dos insumos, em grande parte importados a preços internacionais elevados para a nossa realidade. Tributar nossa exportação seria injustificável e não nos restaria alternativa a não ser buscar apoio político e legal em nossas instituições.

## BALANÇAS CAUDURO



Reboque p/Cavalos



Balança p/Gado



Tronco de Contenção

Tradição e Qualidade desde 1945

Www.balancascauduro.com - e-mail: cauduro@balancascauduro.com  
Av. Brasil, 1174 - Fone/Fax: (51) 3722 - 2534 - Cachoeira do Sul - RS